AS MULHERES FORRAS E LIVRES NAS FONTES HISTÓRICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Sandy Ferro Novais
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-9818-9372
Endereço eletrônico: 2026m0052@uesb.edu.br

Bernardino Galdino de Sena Neto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5922-5093
Endereço eletrônico: bernardino.neto@uesb.edu.br

Palavras-chave: Ensino de História; fontes históricas; História das mulheres.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo discutir a possibilidade de inserção das fontes históricas como recursos pedagógicos no ensino de História, à luz das estratégias de mobilidade social de mulheres forras[1] e livres que viveram na Imperial Vila da Vitória (localizada em uma região conhecida como Sertão da Ressaca, atual município de Vitória da Conquista - BA), no século XIX. Nesse sentido, pretende-se pensar como as fontes históricas podem ser mobilizadas no processo de ensino-aprendizagem em História, com um recorte que permeia a História local, a História da escravidão e a História das mulheres.

A partir dessa proposta, objetiva-se enfatizar a importância de inserir o conhecimento a respeito da História local no contexto da Educação Básica, a partir do uso das fontes históricas como ferramenta didática, com foco nas trajetórias das mulheres forras e livres do século XIX. Tal discussão alinha-se à Lei 10.639/03, que objetivou incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" como mecanismo de incentivo às discussões sobre a população africana e afro-brasileira enquanto sujeitos agentes da História. Dessa maneira, almeja-se destacar as estratégias de sobrevivência

1 Os termos forras e libertas, usados aqui, são sinônimos. As expressões fazem referência às mulheres que conseguiram libertar-se da escravidão e passavam, então, a condição de alforriadas.

e luta dessas mulheres, de modo a ampliar a representatividade dos estudantes nas aulas de História e fortalecer a conexão entre o passado e o presente.

O debate acerca do uso desses documentos históricos à luz da História local e das trajetórias de mulheres forras e livres remete à importância do ensino de História das mulheres em uma perspectiva de criar novas representações sobre a população negra para os estudantes da Educação Básica. Ademais, a História parte do ambiente cultural onde se forma, estende, aprofunda e consolida a identidade individual e social do sujeito. Logo, a educação histórica é essencial à medida que o ser humano necessita dominar a experiência da vida de forma reflexiva, crítica e explicativa, e não apenas descrever ou listar experiências históricas (Martins, 2019). Portanto, pretende-se contribuir para a valorização da memória dessas personagens históricas e pensar em possibilidades para a formação crítica dos estudantes da Educação Básica.

METODOLOGIA

A perspectiva de pensar a possibilidade do uso das fontes históricas no ensino de História na Educação Básica, a luz da trajetória de mulheres libertas e livres do século XIX, percorre a ideia de "[...] construir as diferenças e de explorar a diversidade dos papéis informais femininos [...] na medida em que se devassam as distâncias entre a norma e a prática social, papéis normativos e informais" (Dias, 1992, p. 49). Tal concepção permite destacar as experiências de sujeitos "de baixo", destacando suas ações cotidianas e movimentações em seu cenário social.

As reflexões propostas dialogam com experiências investigativas iniciadas na nossa graduação. Nesse sentido, objetiva-se discutir as possibilidades interpretativas decorrentes do diálogo entre o referencial teórico utilizado, e a pesquisa já realizada. Desta forma articulando as fontes históricas, a historiografia das mulheres, bem como às contribuições de autores que refletem sobre o ensino de História, buscaremos pensar nas possibilidades do uso das fontes históricas como recursos pedagógicos no ensino-aprendizagem de História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso das fontes no ensino de História, além de ampliar e diversificar o processo de ensino-aprendizagem, extrapolando os limites dos livros didáticos, também se articula com os espaços de vivência dos estudantes. Tal possibilidade permite que eles compreendam o processo de construção do conhecimento histórico, participando dele. Dessa forma, o uso de

documentos históricos, além de possibilitarem aos estudantes e professores criarem um conhecimento a respeito dos sujeitos que viveram no passado, sobre elementos daquele contexto histórico, também permitem que questões do presente sejam problematizadas, a partir da compreensão das influências entre os diferentes contextos históricos (Silva, T. 2019).

Nesse sentido, a respeito da história das mulheres discutida nesse texto, a partir da década de 1980, constituiu-se uma linha de estudo acadêmico que explorava a atuação social das mulheres e suas estratégias de sobrevivência, bem como formas de resistir à dominação patriarcal. Essa vertente destaca essas personagens enquanto agentes de mudança da sua condição social (Rago, 1995). Dessa forma, este artigo, ao buscar tratar da História local com um recorte para a História das mulheres, alinha-se aos trabalhos que vêm se desenvolvendo desde de 1980. Com isso, busca-se contribuir para uma nova visão a respeito das mulheres forras e livres, agora enquanto personagens ativas no processo histórico. Ademais, pretende-se pensar nas possibilidades desse tema alcançar o ensino de História.

Nessa perspectiva, partindo das análises preliminares das fontes históricas sobre o Sertão da Ressaca, vale ressaltar as trajetórias de três personagens. Inicialmente, as trajetórias de Maria Bernarda de Oliveira e de sua filha, Eufrosina Maria de Oliveira, possibilitaram identificar o processo geracional de mobilidade social, a partir do impacto do trabalho, das suas inserções em espaços religiosos e da criação de redes de relações pessoais com sujeitos. Tais elementos puderam contribuir, em alguma medida, no sucesso desse processo. Ademais, a trajetória da preta liberta Lizarda da Silva lutando para obter a autonomia de seu filho Abílio, que estava sob tutela do antigo senhor de sua mãe, evidencia outras estratégias de mobilidade social. Neste caso, valendo-se dos trâmites judiciais para obter a autonomia para si e para os seus.

Nesse sentido, de acordo com Caimi (2009), a problematização do ensino de História requer a mobilização de conteúdos que permitam os estudantes compararem situações históricas, as mudanças e permanências entre uma sociedade e outra, e principalmente, entenderem-se enquanto sujeitos da História uma vez que a compreendem e nela intervêm. Dessa forma, trabalhar com trajetórias como essas no ensino de História, a partir dos vestígios que as fontes apresentam, permite reconstituir e criar condições de visibilidade a memórias até então legadas ao esquecimento, além de possibilitar a articulação entre esse passado e o presente.

Tais fontes poderiam ser mobilizadas, por exemplo, a partir de uma sequência didática. No desenvolvimento da atividade, seria levantada uma questão para conduzir uma

análise de fontes históricas adaptadas. A partir dessa questão investigativa e das fontes, problematizar a presença e as ações femininas em seu contexto. E ainda, a partir dessa análise, pensar em como essas trajetórias podem ser relacionadas ao contexto dos estudantes.

Assim, esse texto pretende explorar as possibilidades de ampliação do acesso à História local, especialmente à História das mulheres para o ensino de História, destacando as figuras "comuns" que fizeram parte de um contexto histórico. A discussão aqui proposta possibilita fortalecer a consciência dos estudantes como atores da História, além de promover uma visão crítica e ampliada em relação ao mundo em que vivem, a partir de exemplos mais próximos da sua realidade.

CONCLUSÕES

Embora as mulheres não apareçam com destaque nos vestígios que permitam pensar sobre seu contexto, elas estavam presentes em diversos espaços sociais improvisando seus meios de vida. Entender as suas astúcias e agências para traçar novos percursos de vida perpassa pela necessidade de evidenciar os mecanismos de resistência das mulheres em uma sociedade escravista e patriarcal. Além disso, as histórias dessas mulheres pressupõem um estudo não apenas para sua realidade, uma vez que "[...] integrá-las na história de sua época é restituir a memória social de um fenômeno que se mantém vivo e presente na sociedade brasileira e contemporânea" (Dias, 1995, p.45).

As fontes históricas que permitem recuperar trajetórias de mulheres forras e livres aqui discutidas trazem "indícios da heterogeneidade das estratégias de sobrevivência e dos resultados alcançados pelas mulheres" (Silva, G. 2019, p. 23), e mostram os seus progressos. Através de suas agências, elas conseguiram superar a miséria e alcançar êxito ao longo da vida.

Nesse sentido, buscar compreender, recuperar e tirar do silêncio esses sujeitos históricos, por muito tempo esquecidos na versão da História Oficial trabalhada em sala de aula, é possibilitar trazer à tona a multiplicidade de vozes que compõem a História (Araújo, 2016). Portanto este artigo contribuir para debates que trate da pluralidade de histórias constituintes da população negra, além de uma nova imagem sobre suas trajetórias de vida, destacando os mecanismos de perspicácia, astúcia e resistência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Crestani, Leandro de. **Fronteiras do ensino da História regional e local**: **a desconstrução da memória oficial ensinada em sala de aula.** Toledo: Fasul, 2016.

CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs). **A Escrita da História Escolar Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, cap. 3, p. 65-79.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Lei: BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

MARTINS, Estevão C. de Rezende. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, p. 17-33, 2019. Disponível em https://www.scielo.br/j/er/a/76nr3hq9SHcQcLVWqXYZRMr/. 28 de jun. 2026.

SILVA, Glaybson Guedes Barbosa da. **"Talvez Deus te dê boa sorte nas Lavras":** estratégias de trabalho e sobrevivência de mulheres livres e libertas nas Lavras da Bahia (Lençóis, 1850 – 1880). Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVA, Tomé Montanaro Ferreira da. **Lugares de memória das culturas negras em Bragança-Pará:** experiências com o ensino de História. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de História) –Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Z. L (Org.). **Cultura Histórica em Debate.** São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-91.